

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS**

JOICE PONSADA FERREIRA SANTANA

NAMORO E CASAMENTO PATAXÓ

**BELO HORIZONTE
2023**

JOICE PONSADA FERREIRA SANTANA

NAMORO E CASAMENTO PATAXÓ

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para Obtenção do grau de licenciado em Ciências da Vida e da Natureza.

Orientador: Prof. Dr. Edgar Rodrigues Barbosa Neto

**BELO HORIZONTE
2023**

Dedico este trabalho a Tupã (Deus),
a toda minha família, aos nossos anciões
e ao nosso Povo Pataxó!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Niaminsu (Jesus) por me ajudar nessa jornada passageira na terra, dando-me forças em meio a pandemia para sobreviver e concluir meu Trabalho!

Aos meus pais Atevaldo Alves Ferreira e Gilnei Cristiana Ponsada, por me criar e educar durante minha vida. E por me incentivar e motivar nessa nova etapa. Agradeço pelas orações feita por mim enquanto estava tão longe.

Ao meu esposo Romari Braz Santana, pelas palavras de motivação nos momentos de tristezas e por estar sempre ao meu lado em todos os momentos. Obrigada por sempre cuidar da nossa filha Evelyn Eduarda enquanto estava em Minas Gerais estudando.

Agradeço a minha irmã Roberta Ferreira e seu esposo João cunha, pelo incentivo para participar do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas. Agradeço por todas as palavras de bênçãos ministrada sobre mim ao meu irmão Wesley Ferreira, as minhas sobrinhas e toda minha família. Amo muito vocês!

A todos os professores, que transmitiram tanto saberes científico quanto tradicionais!

Aos nossos anciões da aldeia por lutarem muito, para que hoje esse momento estejase realizando. Agradeço a todos os parentes que compartilharam suas histórias para este trabalho.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar o namoro e o casamento Pataxó. Contar como era antigamente e como é atualmente. Registrar a cultura do nosso povo Pataxó através de histórias vivenciadas e contadas pelos nossos anciões, sobre o namoro e casamento Pataxó na aldeia Barra Velha.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –Domingas e o esposo pajé karuncho.....	21
Figura 2 – Córrego onde era realizado a prova das pedrinhas.....	22
Figura 3 _Oca onde era realizado o casamento na aldeia Barra Velha.....	23
Figura 4 –Prova da caçada do guerreiro na reserva da jaqueira.....	25
Figura 5 –Momento em que noivo carrega nos ombros a pedra ou a madeira.....	26
Figura 6 –Momento em que noiva ajuda descer a pedra.....	26
Figura 7 –Começo da cerimônia na aldeia Encontro das Águas.....	27
Figura 8 –Antônio Braz Ferreira.....	28
Figura 9 –Momento da troca dos cocares.....	29
Figura 10 –Cocar pataxó.....	29
Figura 11 –Comidas tradicionais pataxó.....	31
Figura 12 –Início dos cantos pataxó.....	32
Figura 13 –Cacique sijanete.....	36
Figura 14 –Casamento putumuju e hwuanahara.....	36
Figura 15 –Cacique sijanete e o esposo Divino.....	37
Figura 16 – Ervas usadas no banho tradicional Pataxó (Araticum, Espada de São Jorge e Guiné, respectivamente).....	38
Figura 17 –Casamento na Reserva Porto do Boi.....	39

Figura 18 –Momento em que os noivos bebem chá amargo.....
40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Significados das cores nas pinturas Pataxó.....
24

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CVN – Ciências da Vida e da Natureza

COVID-19 – *Coronavirus disease* 2019

FAE – Faculdade de Educação

FIEI – Formação Intercultural para Educadores Indígenas

FUNAI – Fundação Nacional dos Povos Indígenas

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
TRAJETÓRIA.....	11
POVO PATAXÓ.....	13
NAMORO PATAXÓ DE ANTIGAMENTE.....	16
CASAMENTO “FUGIR”.....	18
CASAMENTO ENTRE PRIMOS.....	20
RITUAL DO CASAMENTO INDÍGENA PATAXÓ EM BARRA VELHA.....	21
A PREPARAÇÃO DA NOIVA E DO NOIVO.....	24
PROVAS REALIZADAS ANTES DO RITUAL DO CASAMENTO.....	25
CERIMÔNIA.....	27
A REZA DO CASAMENTO.....	28
TROCA DE COCARES.....	29
CORAÇÃO DE MADEIRA.....	30
CESTO DE FARTURA.....	31
CANTOS DO CASAMENTO PATAXÓ.....	32
O CASAMENTO FORÇADO.....	34

CASAMENTO PATAXÓ NA ALDEIA ENCONTRO DAS ÁGUAS.....	35
RITUAL DO CASAMENTO NA RESERVA PORTO DO BOI.....	38
O NAMORO ATUALMENTE.....	41
CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um dos resultados de pesquisa do Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas, habilitação de Ciências da Vida e da Natureza (CVN) da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI-FAE-UFMG).

O tema do meu trabalho de percurso é o Namoro e o Casamento Pataxó. A escolha do tema foi uma ideia da minha irmã Roberta Ponsada Ferreira, que também já participou do curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas. Após concluir sua trajetória na UFMG, incentivou-me a participar do curso e estar trazendo esse registro da nossa cultura. Ela apresentou sua ideia e gostei muito. E desde então decidi realizar pesquisas sobre o assunto. O namoro e o casamento fazem parte da nossa cultura e marcam o nosso território, pois é através da união dos casais que nascem as gerações e cresce a aldeia. Neste trabalho irei compartilhar alguns casos de casamentos que aconteceram dentro da aldeia indígena Pataxó de Barra Velha, como também o ritual sagrado do casamento tanto na Aldeia de Barra Velha como também na reserva Porto do Boi e na aldeia Encontro das Águas em Minas Gerais. Quando estávamos realizando o curso, passamos por um momento de muitas dificuldades que foi a pandemia de COVID-19. Não presenciamos pessoalmente os trabalhos de percursos dos nossos amigos, foram todos de forma virtual, além de enfrentar as perdas de entes queridos dentro do nosso território e no mundo. Nos fortalecemos de forma espiritual com fé e perseverança em nosso tupã.

TRAJETÓRIA

Meu nome indígena é Oricani. Nasci no dia 14 de janeiro de 1996 na aldeia Barra Velha, município de Porto Seguro, Bahia. A escolha do meu nome vem da palmeira oricana, usada para fazer casas e ocas na aldeia. Sou tataraneta de Bernardino Santana que se casou com Benedita Braz, que, juntos, conceberam minha bisavó, Vitória. Ela se casou com Cassiano Ferreira e através da sua união conceberam minha avó, Maria D ajuda, que se casou com Luciano Alves. A união deles gerou o meu pai, Atevaldo Alves Ferreira, mais conhecido como Têco. Todos estão guardados vivos dentro do meu coração. Suas histórias e memórias é que fazem o nascimento da minha trajetória.

Embora tenha nascido na aldeia, no ano de 1999 meus pais, em busca de uma vida financeira melhor, decidem se mudar para Minas Gerais. Moramos em uma cidade chamada Divinópolis. Por doze anos ficamos longe da nossa aldeia. Quando parti da aldeia com meus pais, eu estava com dois anos. Por causa da idade, eu não recordava de nada da minha aldeia, apenas ouvia meu pai contar sobre as histórias do nosso povo.

Os meus estudos foram em uma escola não indígena. Eu e meus irmãos passávamos por alguns constrangimentos quando dizíamos que éramos indígenas. Muitos ficavam perguntando se a gente comia carne de pessoas, faziam bullying dizendo que éramos canibais. Meu pai sempre sonhou em voltar para a nossa aldeia, mas não tínhamos condições financeiras para retornar. No ano de 2010, no dia 20 de agosto, através de uma ajuda da FUNAI, conseguimos voltar para a nossa aldeia. Essa decisão de retornarmos foi através da morte da minha avó Maria d`Ajuda. Meu pai realmente chegou à conclusão de que lugar do índio sempre foi na sua terra.

Quando retornei para meu território, considerei um renascimento, pois muitos saberes eram novos para mim. Passei a ter conhecimento e viver uma educação diferenciada, a ter aulas dos nossos cantos, ir para farinheira fazer beiju e kawî. Durante as aulas, aprendi a nossa língua materna, chamada patxôhã. Sem preconceitos, eu estava no meu lugar, de onde nunca devia ter saído.

Ao passar treze anos de nossa volta para a nossa sagrada terra, em 2021, meu pai faleceu. Foi um momento de muito sofrimento para minha família, mas ele cumpriu sua missão, nos deixando em casa, na nossa amada terra sagrada!

E através desse estar de volta, hoje estou fazendo parte da Formação Intercultural para Educadores Indígenas e posso, com todo carinho, compartilhar meu percurso com vocês!

POVO PATAXÓ

Vivemos na aldeia mãe Barra Velha que está localizada no extremo sul da Bahia, no município de Porto Seguro. Os encantos que a natureza tem se conectam com a força da ancestralidade. Lugar que tem uma força sagrada e encantada com uma paisagem exuberante. O barulho das águas e o canto dos pássaros são músicas para nossos ouvidos. Nossos velhos são nossos livros de sabedoria, um dia vão embora e deixam em nossas mãos a responsabilidade de repassar para nossos filhos os conhecimentos vividos.

Os nossos anciões contam que o nome Pataxó surgiu por meio da observação do barulho das águas, todas as vezes que vinham a praia realizar os rituais. Quando ouviam as ondas do mar que batiam nas pedras, elas produziam o som “PATA” e quando retornava deslizando sobre as pedras, ouvia-se o som “XÓ”, e assim se originou o nome do nosso povo, Pataxó.

A onda vinha batia na pedra fazia PA TA XOOOOO
 Aí formava pataxó do barulho dela na pedra
 (Ancião Arawê)

Nosso povo Pataxó agora com um nome vive neste lugar em união uns com outros, fazendo os rituais sagrados e com suas próprias crenças e religiões, sempre buscando força encantadas e fortalecendo a cultura. Vivíamos nesse território sagrado, harmoniosamente com a natureza, vivenciando nossos costumes, crenças e tradições, livremente.

Aprendemos desde criança pelas histórias contadas por nossos anciões e nas aulas transmitidas em sala de aula que o nosso povo vivia num território que abrangia do extremo sul da Bahia ao norte de Minas Gerais. Eles andavam na mata percorrendo o território em busca de sobrevivência. Segundo o príncipe Maximiliano, tínhamos uma grande habilidade em atirar com arco e flecha.

Diferente de alguns livros que estão por aí, irei contar como meu tio Antônio Santana Ferreira, mais conhecido pelo nome indígena Arawê, fala sobre a chegada dos portugueses e a chegada da religião.

A embarcação desceu em um lugar chamado Kaí perto de Cumuruxatiba, conhecida como Barra do Kaí, o começo da invasão. Foi muito sofrimento para nós Pataxó. Fomos impedidos de falar nossa própria língua, impedidos de sobreviver em nossa própria terra. Antes da chegada deles, tudo era muito inocente. Naquele tempo, o povo andava pelado, era coisa mais normal, não sabia o que era roupa. Todo mundo pegava caranguejo pelado. De primeira também não existia cacique. O líder era o chefe de cada família. Depois foi que surgiu o capitão, chamava capitão de bandeira, que era o índio mais forte que ia na frente representando o resto do povo. (ARAWÊ, 2023)

Sabemos que os portugueses trouxeram uma bagagem de um novo mundo, cheio de arrogâncias, obrigando nosso povo a não falar nossa língua materna. Queriam nos impedir de continuar com nossos rituais impondo suas religiões. Mesmo assim, nossa raiz Pataxó resistiu e se manteve viva até o momento atual. Com o passar o tempo, fomos vivendo em um regime de regras trazidas pelos nãoindígenas.

Existia um homem por nome de Miliano, que falou para os índios que eles precisavam de um santo, já que o índio não tinha nada na aldeia. Então meu tataravô Vicentin disse que tudo bem, que podia trazer. Trouxeram a santa Nossa Senhora da Conceição, que veio de navio e ficou sendo herança do meu bisavô Cassiano. Desde então o catolicismo faz parte da história Pataxó. Tudo isso ocorreu por causa da invasão do homem branco, tentando civilizar o índio. (ARAWÊ, 2023).

Assim entrou o catolicismo dentro da nossa comunidade, religião que nós não conhecíamos e à qual, pouco a pouco, fomos nos adaptando.

Com o passar do tempo, nosso povo foi aprendendo a rezar e a respeitar os padroeiros. Nossos velhos organizaram então a festa dos padroeiros da aldeia, a Nossa Senhora da Conceição, e assim permanecemos até hoje com essa tradição. Chegam parentes de outras aldeias para comemorar juntamente conosco esse dia tão especial.

No ano de 1951, nossa aldeia sofreu um massacre, que hoje chamamos de “fogo de 51”. Conflito vivenciado pelo nosso povo e que até hoje temos marcas de perdas. Nossos anciãos contam que parentes eram espancados, mulheres foram estropadas, as casas incendiadas, crianças eram atiradas vivas para o alto. Foi uma tristeza.

Os anciãos relatam que muitos fugiram com medo de morrer e assim foram formadas outras comunidades Pataxó como Coroa Vermelha, Aldeia Velha, Boca da Mata, entre muitas outras mais. Hoje nosso povo está nos estados da Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Todas as filhas da aldeia mãe Barra Velha representando nossa cultura e a luta Pataxó.

Na maioria das vezes os namoros e os casamentos aconteciam quando nossos parentes se encontravam em fogueiras e quando tinha momentos festivos, como a festa dos padroeiros. Contarei de forma mais aprofundada como eram esses encontros.

NAMORO PATAXÓ DE ANTIGAMENTE

Na época, os nossos anciões iniciavam através de um pedido realizado com o jogar das pedrinhas. Quando o rapaz ou a moça da aldeia queria namorar, um dos interessados jogava uma pedrinha em direção ao outro com cautela. Se ambos correspondessem, já estavam namorando. Nessa época, os nossos anciões não tinham conhecimento da escrita, não existia tecnologia e, por isso, toda a paquera era feita através de gestos.

Em uma entrevista realizada com a senhora Santa, mais conhecida como dona Santinha, durante o intermódulo intercultural para educadores indígenas, na aldeia Mirapé, começamos a conversar sobre como era o namoro antigamente. Ela disse: “primeiro jogava a pedrinha na namorada, mas fugia. Era um dançar e carregava a noiva para lá, ia embora” (SANTINHA, 2023).

Segundo nossa liderança, um ficava olhando o outro nas escondidas, mas não podiam nem assentar juntos porque os pais eram bravos, eram bem rígidos acerca de namoros e encontros. Dessa maneira, seguiam os namoros dos nossos mais velhos da aldeia de forma discreta e rigorosa. Se quisessem namorar, tinham que se casar, pois era proibido uma moça ficar de conversas com rapazes. Os filhos respeitavam as regras que os pais impunham para eles.

O namorar era jogar as pedrinhas. Se fossem aceitas, eles fugiam na sequência. Todos os casais que namoravam nessa época viveram juntos desde o namoro até que a morte os separou. Esse era um dos costumes que tinham os nossos velhos.

Outro entrevistado foi cacique Itambé em Coroa Vermelha. Sobre o namoro, ele disse: “quase que não era nem importante, mas era coisa séria um jogar de pedrinha em você e você jogar outra em mim” (ITAMBÉM, 2023).

Nessa época, não tinha escola. Os momentos em que os adolescentes se encontravam era ao redor da fogueira, com a presença dos pais, para jogar verso, que era as cantigas de rodas.

Dona Domingas da aldeia Mãe Barra Velha, mais conhecida como Dominguinhas, esposa do nosso pajé, adorava cantar esses versos de amor. Ao conversar com ela, senti o quanto era importante aquele momento de cantigas, observei o quanto sentem falta daquela época, um costume tradicional antigo que tem ficado na memória e é transmitido

de geração em geração, para nunca ser esquecido. E ela, cheia de alegria, começou a cantar para mim, me ensinando: “Quando eu era moça calçava sapato branco, agora que eu casei, nem sapato nem tamanco” (DOMINGUINHAS, 2023).

Segundo ela, nesses momentos os olhares surgiam ao redor da fogueira. Muitas paqueras iniciavam através dos olhares. A partir desses olhares, demonstravam interesse e começavam logo em seguida o jogar das pedrinhas. Quando elas eram correspondidas, logo se casavam. A maioria dos nossos velhos já se foi, e os casais entrevistados tinham mais de 60 anos de casamento, uma união muito linda e respeitosa. Nossos velhos sempre usam o termo fugir ao invés de casamento.

CASAMENTO “FUGIR”

O fugir é uma tradição do povo Pataxó. É o primeiro casamento entre o povo Pataxó, que existe desde o tempo dos nossos anciões e se mantém até os dias atuais. Quando o rapaz gostava da moça, os dois fugiam. E essa prática tornava-se mais forte na época das festas tradicionais da aldeia.

Antigamente em tempos de Festa de Santo Reis, São Braz e Nossa Senhora da Conceição, reuniam-se as aldeias vizinhas e comunidades para participar. Nesse momento, os pais ficavam voltados para a celebração. Muitos pais ficavam embriagados com as bebidas alcoólicas e nessa hora os adolescentes aproveitavam para fugir. O rapaz e moça sumiam durante a festa, e quando os pais sentiam suas ausências já sabiam que tinham fugido.

No dia seguinte, os comentários eram os seguintes: o rapaz roubou a moça, ele fugiu com ela, a ponto de ninguém, na hora, ter sido capaz de ver. E mesmo sendo adolescentes com idade entre 12 e 14 anos, tinham que se garantir com o casamento. Nessa época, casava-se para envelhecer junto, até que morte os separassem. O rapaz tinha que ser trabalhador e a moça virgem e respeitosa. Se a moça, por acaso, não fosse mais virgem, o rapaz podia devolver ela no outro dia. Alguns casos de devolução aconteceram na aldeia Barra Velha. Atualmente essas situações não acontecem mais entre os pataxós da Aldeia Mãe Barra Velha.

A maioria dos casais da aldeia se casou fugindo. Todos fogem, tanto os mais velhos da aldeia quanto a geração atual. E foi em um casamento “fugir” que meus pais se casaram. Era uma época de festa de São Braz e, como de costume, outras aldeias e comunidades vinham para festejar.

Desde a invasão dos portugueses temos a presença do não indígena. E o casamento entre o índio, o negro e o branco passou a acontecer. Um desses casamentos entre branco e indígena foi o do meu pai e da minha mãe. Durante umas dessas visitas, minha mãe Gilnei Critiana Ponsada, que não é indígena, veio tirar férias com sua mãe e participar da festa. Ela tinha 15 anos na época.

Meu pai contava que ficou de olho em minha mãe, que ela chamou muito a atenção dele na festa e que achou ela muito bonita. Então ele disse: “hoje levo ela”. Enquanto isso, minha avó, dona Amelia, mãe da minha mãe, estava se embriagando na festa, e meu pai

aproveitou o momento de distração e roubou minha mãe. Embora ela não tivesse planejado fugir, passaram 30 anos juntos até que a morte os separou.

Nos nossos dias atuais, os encontros e os casamentos de indígenas com outros grupos étnicos acontecem com frequência em nossa comunidade.

CASAMENTO ENTRE PRIMOS

O casamento entre primos é algo normal entre nós Pataxó. Ele sempre existiu, devido ao fato de na aldeia sermos todos parentes. Na minha família, por exemplo, sou casada com meu primo por parte genealógica dos meus bisavós. Um outro exemplo é o meu sobrinho. Ele é casado com a minha cunhada (irmã do meu esposo), e por isso o meu sobrinho é tanto primo quanto tio da minha filha. É difícil compreender, mas é difícil alguém não ter parentesco um com outro. Faz parte da nossa cultura.

RITUAL DO CASAMENTO INDÍGENA PATAXÓ EM BARRA VELHA

O ritual do casamento indígena é uma cerimônia sagrada, realizada depois do casamento “fugir”. Essa cerimônia sempre foi realizada pelo nosso pajé Caruncho (Sr. Albino Braz Salvador) junto com o representante da cultura Sr. Antônio Braz Ferreira, mais conhecido pelo nome indígena Arawê.

Em uma entrevista realizada na casa do pajé Karuncho, junto com sua esposa senhora Domingas da Conceição Braz, mas conhecida como dona Dominginha, o pajé contou o seguinte: “De primeira, eu fazia o casamento. O rapaz e a moça chegavam e marcavam. Deixava certo. No dia, já deixava as pedrinhas certas, mas eu botava no lugar mais baixo do corpo, para ficar fácil de encontrar” (DOMINGUINHA, 2023).

Figura 1: Domingas e esposo pajé karuncho



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Na época em que o nosso pajé realizava o ritual do casamento, ele agendava o dia e o lugar. A cerimônia era realizada em sua propriedade, em uma oca, perto a um córrego chamado Cozinha Velha. Nas margens da água, consagrava a união entre os noivos. Nessa conversa com o nosso pajé, ele conta que, no dia do casamento, se levantava cedo para separar as pedrinhas e escolher as mais bonitas. Essas pedrinhas eram escondidas antes da cerimônia dos noivos. Ninguém sabia onde as pedras estavam escondidas, na hora do casamento, somente os noivos poderiam encontrá-las. Segundo o nosso ancião, as pedras e a água são sagradas, têm significado de pataxó.

Figura 2:córrego onde era realizado a prova das pedrinhas



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Figura 3: oca onde era realizado o casamento na aldeia Barra Velha



Fonte: Acervo pessoal da autora.

A PREPARAÇÃO DA NOIVA E DO NOIVO

Nessas entrevistas com o pajé e com o representante da cultura Arawê, eles contam como era a preparação dos noivos: “eles se preparavam com pinturas Pataxó, feitas por um guerreiro. São usadas pinturas mais chamativas e diferenciadas dos outros parentes. Nessa pintura usamos elementos tirados diretamente da natureza, tais como urucum, jenipapo e argila” (PAJÉ CARUNCHO; ARAWÊ, 2023).

As pinturas têm um significado sagrado no casamento. É um fortalecimento espiritual.

Tabela 1: Significados das cores nas pinturas Pataxó.

Cor	Significado
Vermelho (urucum)	Sangue derramado dos parentes que já se foram
Preto (jenipapo com carvão)	Luta do nosso povo
Branco (argila branca)	Paz (wekãñã)
Amarelo (argila amarela)	Harmonia e esperança

Fonte: Santana (2023).

Esão também usados adereços pataxós, como a tanga, o cocar e os colares.

A noiva se prepara em uma oca escondida. Nesse dia, a pintura corporal é realizada de forma diferente das outras índias da aldeia. Seus trajes são mais destacados, o seu cocar leva uma pena grande no meio, e duas penas menores ao lado, representando a aldeia mãe Barra Velha. Durante a consagração dos casamentos, esse cocar é trocado por um cocar mais cheio de penas. Logo depois, a noiva já bem arrumada, fica aguardando o momento das provas. Do mesmo modo, o noivo fica escondido em outra oca, na expectativa de concluir as provas para realizar o ritual.

PROVAS REALIZADAS ANTES DO RITUAL DO CASAMENTO

Antes da cerimônia, os noivos precisam passar por algumas provas, para que o casamento possa acontecer. Se por acaso não cumprirem as provas, o casamento não acontece.

A primeira prova é a caçada do guerreiro. É uma prova realizada apenas pelo rapaz. Ele vai para mata e caça um caititu (porco do mato), para mostrar que garante sustentar a sua família. Caso ele não consiga realizar a caça, o ritual do casamento é cancelado. Atualmente, por causa de algumas restrições ambientais, muitas de nossas aldeias compram um suíno para realizar a caça.

Figura 4: prova da caçada do guerreiro na reserva da jaqueira



Fonte:desconhecida

A segunda prova é a da força. Contam o nosso representante da cultura Arawê e o nosso pajé Caruncho que essa prova era realizada tanto pelo homem quanto pela mulher. Ela também precisava mostrar força caso o marido fosse picado por cobra na mata, pois teria que aguentar o peso do seu esposo. Atualmente, a prova é realizada pelo kaksú(homem) e a noiva ajuda a descer a pedra no momento em que ele chega na oca mãe, simbolizando que ela também está disposta a compartilhar o peso da responsabilidade com a família.

Figura 5: Momento em que o noivo carrega nos ombros a pedra ou a madeira



Fonte: Thaiz e hwanahara

Figura 6: Momento em que a noiva ajuda a descer a pedra



Fonte:hwanahara

A terceira prova é aquela das pedras. Os noivos procuram por três pedras na água, para entregar ao pajé ou representante da cultura, simbolizando o nosso povo Pataxó.

CERIMÔNIA

A cerimônia começa com os cantos Pataxó. De um lado, ficam as mulheres pataxós chamada jokanas e do outro lado ficam os homens chamados em nosso idioma de kakusu. Juntos seguem em uma fileira. Os homens buscam primeiro o noivo e logo em seguida buscam a noiva. Todos os pataxós cantam um canto pela aldeia dando início ao momento do ritual, seguindo em direção da oca mãe para fazer a reza.

Figura 6: começo da cerimônia na aldeia Encontro das Águas



Fonte: hwanahara

A REZA DO CASAMENTO

A reza do ritual do casamento Pataxó é realizada pelo pajé ou pelo representante da cultura. Durante a entrevista, Arawê contou a reza que ele dizia da seguinte forma:

“RAIÕ DE AKUÃ
TARU DE AKUÃ
TUPÃ MAIÕ IHÉ”

Figura 7: Antônio Braz Ferreira



Fonte: desconhecida

A reza significa: “força do universo e de Deus sobre o casamento”. E terminava dizendo: “é mais fácil essa pedra quebrar, do que essa amizade acabar”. Essa reza, compartilhada pelo Sr. Antônio Braz Ferreira, Arawê, consistia em dizer essas palavras em cima das pedrinhas.

Ela também pode ser realizada dessa maneira:

Xohã tokerê jokanã
Xohã jokãna anehõ tokerê kakusu
Ipamãkã kartonetú, dxa’á torotê itõhõ

TROCA DE COCARES

Conta nosso ancião Arawê, representante da cultura, que depois da reza aconteciam as trocas de cocar. Os cocares com os quais os noivos chegaram eram substituídos por outros cocares, com mais penas, simbolizando troca de união, respeito e amor um para pelo outro.

Figura 8: Momento da troca dos cocares



Fonte: thaiz

O cocar tem significado importante para nosso povo. A pena maior simboliza a aldeia Barra Velha, mais conhecida como aldeia mãe, e as outras penas menores as aldeias filhas que estão localizadas ao redor.

Figura 9: cocar pataxó



Fonte: Acervo pessoal da autora.

CORAÇÃO DE MADEIRA

Durante a entrevista com Arawê, o nosso ancião conta que o coração de madeira era um pedaço de madeira no qual se registrava, através de uma tinta feita de carvão, as digitais dos casados, dos pais do noivo e da noiva e das lideranças. Nessa hora acontecia uma pequena palestra sobre como cada um precisava respeitá-lo.

CESTO DE FARTURA

O cesto de fartura passava entre os convidados da festa com o objetivo de servi-los. Conta o representante da cultura, o ancião Arawê, que dentro dele havia frutas como banana, laranja, melancia, beiju, kawî, uma bebida sagrada tradicional do nosso povo, paçoca de aipim e muito mukusuy (peixe) assado na folha da patioba.

Figura 10: Comidas tradicionais pataxó



Fonte: Acervo pessoal da autora

CANTOS DO CASAMENTO PATAXÓ

Figura 11: Início dos cantos pataxó



Fonte: thaiz

Nosso canto é o nosso fortalecimento espiritual, e no momento do casamento cantamos para celebrar a festa, tanto no início da celebração quanto no momento do ritual sagrado.

Kanã pataxi petoi baixutxê
 Nahã pokayré arnã petoi puhui
 Arnã petoi akua
 Arnã petoi sara draha txob”haré
 Kahab’txe siratã kahab txe siratã
 Kahab “siratã dxahauip apôyuiip mayõ

Na minha aldeia tem beleza sem plantar
 Eu tenho arco eu tenho a flexa
 Eu tenho raiz para curar

Viva Jesus

Viva Jesus

Viva Jesus

Que nos vem trazer a luz

Pataxó muká mukaú

Pataxó muká mukaú

Pataxó mayõ werimehê

Mayõ werimehê

Hertõ hertõ Pataxó

Kotê kawi suniatá heruê

Pataxó unir reunir unir reunir

Pataxó,luz amor

Te amo te amo

Beber kawi dançar awê awê

Beber kawi dançar awê awê

O CASAMENTO FORÇADO

Antigamente entre o nosso povo existia também o casamento forçado. Os pais eram muitos rígidos nessa época. Se a moça ou o rapaz fossem vistos conversando sozinhos, eram obrigados a casar.

Em uma entrevista realizada com a índia Elma Regina Braz do Santos, nascida na aldeia Barra Velha, ela conta sua experiência sobre o assunto. Quando o casamento forçado aconteceu, ela estava com a idade de 14 anos, atualmente encontra-se com 53 anos. Ele contou que “tudo começou nas pedras. Tinha ido mais Dona Santa e fuxicaram pra tio Laurindo que me viram com de conversinha mais um rapaz e não era eu. Dona Santa tentou me defender contando a verdade, mas não teve jeito: papai me forçou a casar” (ELMA REGINA, 2023).

O casamento aconteceu na cede de Barra Velha na FUNAI, pelo chefe de posto Sr. Aldaberto. Este casamento é realizado por meio de documento e assinado pelos pais responsáveis.

No dia do casamento, durante toda a cerimônia, ela chorava muito. Não conseguiu também almoçar, ficou com fome. Um casamento com muito sofrimento, sem amor. Foi casada durante vinte e dois anos, porque naquele tempo era vergonha muito grande para moças serem mulheres solteiras. Porém, com o passar do tempo, ela não aguentava mais viver infeliz com os seus filhos criados decidiu dar um basta a situação. Por não existir amor entre ambas as partes, os dois se separaram dezoito anos atrás.

Apesar de sofrer muito, atualmente está muito feliz em outro casamento. Da mesma maneira, outros casamentos forçados aconteceram. Alguns deram certo e com o passar o tempo, pela convivência, surgiu o sentimento de amor entre os casais. Para outros, como no relato acima, a separação foi o caminho da felicidade.

CASAMENTO PATAXÓ NA ALDEIA ENCONTRO DAS ÁGUAS

Em uma entrevistasobre namoro e casamento na aldeia Barra Velha, ocorrida na praia Murian, a cacique Sijanete, mais conhecida como caciqueNeti, que reside na aldeia Encontro das Águas em Minas Gerais, transmitiu o seu conhecimento tradicional sobre o assunto. Ela reside nessa outra aldeia por conta do massacre do Fogo 51, quando nossos parentes formaram outras aldeias.

Quando agente andava junto, a gente via aquelas moças que já estavam no topi de namorar. Havia aquele grupo de rapazes também, tudo jovem, na verdade agente nem entendia o que era a palavra jovem, falava era rapaz, rapazin, ficando rapazote. Do mesmo jeito eram as meninas. Não era jovem o nome não. Eram as meninas moça. Já estavam no topi, já era para casar. Eu vivenciei isso. Quando passava uma indígena jovem, vamos dizer assim, se o rapaz sentia desejo de namorar, ele jogava uma pedrinha mesmo. As casas eram sempre de barro, então, se não achavam pedra, eles iam lá e tiravam aquele barrozinho e jogavam na moça, na pataxozinha. Se ela gostava, ela olhava para traz e dava um sorriso. Ela passava e então, quando voltava, ou ela devolvia a mesma pedra ou jogava uma flor no indígena, no rapaz. Ela estava dizendo que sim. E então à noite eles iam se encontrar para namorar. Antigamente, agente Pataxó era muito dessa forma, escondido. Era mesmo assim, vem da cultura. Talvez hoje a cultura para namorar possa ser muito grande, mas antigamente tinha muito respeito pelo mais velhos. Ninguém se beijava à vista de ninguém, porque se o rapaz beijasse uma moça na vista de outro ela já ficava mal falada para a comunidade e nenhum pai queria isso. Então, logo que jogava a pedrinha, começava o namoro. E logo logo ele já procurava uma pessoa mais velha de confiança que ia até o cacique. E o cacique, mais aquela pessoa, iam até os pais pedir a mão da moça para namorar. Já podia namorar na frente, mas, enquanto eles não queriamse casar, namoravam escondido. E aí vinha a questão do casamento. Ou eles fugiam para outro lugar mais distante, que é da tradição do Pataxó, ou fugiam para casa de uma pessoa de confiança, onde o pai não pudesse brigar com a moça e nem com rapaz. No casamento fugir, o rapaz roubava a moça. Acontecia mais na época de festa, porque estava naquela muvuca da festa, e podia ser qualquer festa tradicional. Eles aproveitavam, porque não dava fé, não percebia. Quando chegavam em casa: “cadê fulano”, “já era fulana”. Iam atrás, ou então aquela pessoa, para a casa de quem tinham fugido, vinha até os pais e dizia: “olha, sua filha chegou lá, fulano de tal roubou ela. (SIJANETE, 2023)

Na aldeia Encontro das Águas, o ritual do casamento acontece na festa das águas, de 7 até 12 de outubro, comemorando a chegada das águas.

Figura 12: Cacique sijanete



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 13: Casamento putumuju e hwanahara



Fonte: Hwanahara

Figura 14: Cacique Sijanete e o esposo Divino



Fonte: Acervo pessoal da autora

RITUAL DO CASAMENTO NA RESERVA PORTO DO BOI

Outra entrevistada foi a liderança indígena Silvani Ferreira Santos, mais conhecida como Tapi, que vive na reserva localizada no Porto do Boi, na qual acontece com mais frequência, na atualidade, o ritual do casamento Pataxó.

A representante da reserva compartilhou o seu conhecimento sobre o assunto, relembrando o primeiro casamento que aconteceu na reserva, de um índio da aldeia mãe, por nome de Aripotxê, e sua esposa Maria. Desde essa ocasião, outros casamentos também se realizaram e continuam se realizando até os dias atuais.

Para preparação do ritual do casamento na reserva Porto do Boi, é preparado, primeiramente, um banho tradicional Pataxó de ervas medicinais, e jogado na oca onde será celebrada a cerimônia. As ervas usadas têm significado sagrado para o nosso povo, possuem a força espiritual da natureza, proporcionando proteção e a retirada de toda energia negativa sobre o lugar sagrado chamado de oca mãe.

As ervas usadas são:

- Guiné: tirar energias negativas.
- Espada de São Jorge: protetora.
- Araticum: exala o perfume no ambiente.

Figura 15: Ervas usadas no banho tradicional Pataxó (Araticum, Espada de São Jorge e Guiné, respectivamente)



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 16: Casamento na Reserva Porto do Boi



Fonte: Thaiz Santana

As pinturas dos noivos são feitas pelos índios Tatu e Kajanã, que antes de começar a pintar os noivos tomam também o banho de ervas tradicionais. Os noivos, depois de pintados, ficam escondidos em ocas separadas e se reencontram na hora da celebração.

Em seguida o noivo entra cantando carregando em seus ombros a tora, junto com os guerreiros pataxós. Na reza realizada em patxôha acontecem as trocas de cocar. O noivo e noiva também recebem o kawi, uma bebida sagrada do nosso povo, e ambos tomam a bebida para fechar o corpo. É também usado o chá amargo, simbolizando que as vezes o casal passa por momentos amargos na vida, mas que são passageiros.

Figura 17: momento em que os noivos tomam o chá amargo



Fonte: Thaiz Santana

O NAMORO ATUALMENTE

Tudo vai se modificando com o passar dos anos e não foi diferente com a maneira de realização das cerimônias, que aos poucos também mudou. Meu pai contava que, mais ou menos no ano de 1970, o namoro começou a ser através do recado, de mandar recado. Escolhia-se um amigo e pedia-se para ele dar recado a moça. Caso ela aceitasse, mandava o recado dizendo que iria namorar com o rapaz. O namoro não podia demorar muito tempo e logo tinham que se casar e constituir família. O pataxó fugia com moça.

O pedido do namoro foi ganhando novas formas. Com a chegada da tecnologia e com a chegada da escola em nossas comunidades alguns costumes foram se perdendo e ficando somente na memória dos nossos anciões, que vivenciaram aquele momento especial. As pedrinhas não foram mais usadas. Os recados agora são passados por celulares e por bilhetes através da escrita.

Os nossos anciões não conheciam a escrita e lutaram muito em nossa aldeia para conseguir construir uma escola indígena em Barra Velha, com objetivo de que os jovens pudessem lutar e conquistar através da escrita o nosso território. O pedido do namoro passou a ser de forma escrita. Aproximadamente no ano 2000, o namoro passa a ser pedido através das cartinhas de amor, inspiradas nas novelas assistidas na televisão.

Em 2010, a tecnologia e o uso dos celulares passaram a ser mais frequentes, e passaram a fazer parte do pedido de namoro. As cartinhas escritas foram aos poucos deixadas de lado e substituídas por mensagens virtuais. Os jovens da aldeia estão atualmente conectados com o mundo virtual, e, se quiserem iniciar o namoro, usam as redes sociais para marcar encontros e para se conhecer e namorar livremente, sem restrições.

Antigamente, os pais sempre ficavam por dentro de tudo aquilo que acontecia com os filhos. Hoje, na maioria das vezes, os filhos escolhem seus próprios caminhos, namoram por um período mais longo e se casam quando querem. E se não der certo, acabam se separando e se casando novamente se quiserem. Mas, mesmo na atualidade e com o namoro tendo mais liberdade, o Pataxó costuma fugir. Independente da forma do namoro, essa tradição nunca mudou dentro da aldeia Barra Velha.

CONCLUSÃO

Neste trabalho abordamos o temado namoro edo casamento Pataxó, compartilhando histórias e o ritual sagrado do nosso povo, desde como era antigamente até os dias atuais. Esse assunto é muito importante, pois muitos ainda desconhecem como é realizado o casamento Pataxó. Eu escolhi este tema devido à história dos meus pais, e por isso decidi registrar nossa cultura para que as novas gerações também a conheçam.

Com base em entrevistas, que foram realizadas com nossos anciões, eles contaram como era o namoro e o casamento tradicional em uma época que não tinha energia. As conquistas entre os casais começavam por olhares ao redor da fogueira transcrever. Detentores de saberes tradicionais, eles também falaram sobre o uso das ervas retiradas da mãe natureza, sobre a reza usada no casal feita pelopajé e sobre os cantos usados no ritual. Foi uma experiência maravilhosa.

Demonstraram também que algumas mudanças ocorreram em nossa aldeia com o passar dos anos, mas, do mesmo modo, tradições continuam existindo entre nós, como o lindo ritual feito com o casal para fortalecer o amor, a comunhão e os laços de força, com as provas que devem ser cumpridas para o ritual acontecer.

Este trabalho foi muito proveitoso. Ouvir os nossos sábios anciões e suas memórias que estarão registradas para que os jovens tenham o conhecimento de como era antigamente e para que possam comparar com os dias de hoje. Pretendo com este trabalho incentivar o ritual do casamento Pataxó dentro das nossas aldeias, e mostrar a riqueza cultural do meu povo que está presente na união do casamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, Naiara Rodrigues da; SILVA, Gesicar Aline Rodrigues da. **Viva quem já casou. Vive quem quer casar:** casamentos tradicionais Xakriabá. 2017. Monografia (Formação Intercultural para Educadores Indígenas – FIEI). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

PATAXO, Bekoy. **CASAMENTO TRADICIONAL PATAXÓ: Mendes Souza Otacílio Maia Hara Alves Pataxó Putumuju Alves**(vídeo), 2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/bekoy.pataxo.5/videos/2643422725874591/?mibextid=wXkxqmO97sENSbrj>>.